

# *ATIVIDADES ACADÊMICAS*

O UniBrasil Centro Universitário tem a missão ambiciosa de “Formar, por meio de processos sustentáveis, pessoas que possam assumir a plenitude da condição humana, pela geração e experimentação de saberes, ideias e valores comprometidos com a realidade brasileira”.

Tal propósito tem sido cumprido ao longo dos anos, e já são milhares os graduados pelos cursos ofertados, que levam a marca da formação e dos exemplos recebidos. São certamente bons profissionais, bons cidadãos, pessoas íntegras.

A educação se operacionaliza através das Escolas, que contam com programas acadêmicos modernos, voltados ao conhecimento técnico específico de cada área, ao desenvolvimento de raciocínio lógico e crítico e à formação humana. Os professores, mestres e doutores, são qualificados acadêmica e pedagogicamente para os desafios que enfrentam; e têm na infraestrutura o apoio indispensável: uma das mais completas bibliotecas universitárias do país, laboratórios bem equipados, salas de aula confortáveis, centro poliesportivo de ponta, espaços de lazer e convívio.

# O CAMINHO ATÉ DIZER ADEUS: uma nova proposta a partir da leitura de Christian Dunker.

Na obra de Freud, Luto e Melancolia (1915), a grande problemática é caracterizar o que diferencia e o que aproxima os estados de luto e de melancolia. Na palestra “Lutos finitos e lutos infinitos”, o professor Christian Dunker colocou o que seria para além do luto, não o patológico ou a melancolia, o luto em sua infinitude ou estado cíclico: o retorno ao luto. O presente artigo se destina a apreciar criticamente o conteúdo da Aula Magna, proferida pelo professor Christian, cujo tema foi o luto e a melancolia, segundo as concepções de Freud.

#### AUTORAS:

VENCEDORAS DO CONCURSO DE  
REDAÇÃO SOBRE A PALESTRA DE  
CHRISTIAN DUNKER

#### ARTIGO:

##### **SARAH YASMIN AUGUSTA DA SILVEIRA**

ALUNA DO CURSO DE PSICOLOGIA  
DO UNIBRASIL CENTRO  
UNIVERSITÁRIO.

##### **ALINE FONSECA**

ALUNA DO CURSO DE PSICOLOGIA  
DO UNIBRASIL CENTRO  
UNIVERSITÁRIO

#### POEMA:

##### **JESSICA MAGARI FERAZZA**

ALUNA DO CURSO DE PSICOLOGIA  
DO UNIBRASIL CENTRO  
UNIVERSITÁRIO

A primeira questão concernente ao tema é a diferença entre os lutos. Nos escritos de Freud sobre o luto e a melancolia, a expressão ‘eu’ é empregada muitas vezes. A ideia de que o luto é trabalho próprio do ‘eu’ definiu um modelo de luto.

Na vivência deste, há quatro elementos. O primeiro seria “realizar”, dar-se conta de que aquilo realmente aconteceu. Da negação da realização pode advir a depressão. Essa fase se caracteriza pela alternância de duas identificações: primeiro, o pensamento de que “se a pessoa foi embora, é porque não a amei o suficiente”. Isso explica a curiosa confiança que se tem de que, caso se estivesse presente no momento da morte, ela não teria ocorrido - os sentimentos que decorrem disso são o de fracasso e de culpa.

Quando há uma tragédia, como a ocorrida na cidade de Suzano (São Paulo), há esse impacto: a primeira reação é negação - “isso não é verdade, não está acontecendo”. A segunda seria a busca pelo culpado: essa é a maneira de passar daquele primeiro lado da identificação para aquela que seria a outra face de identificação alternante: “se ele(a) se foi, é porque não gostava tanto assim de mim” - o sentimento de que a morte foi uma traição. Esse é o lado menos visível do luto: aquele que leva à raiva.

O terceiro elemento reside no valor simbólico daquilo que foi perdido. O luto é um trabalho de investigação sobre o laço com a pessoa que se foi. É o momento de reconstituir a experiência até uma solução final, algo como “sim, essa pessoa foi embora, e agora é parte de mim, posso continuar minha jornada”. Segundo essa perspectiva, quanto mais sintéticos os traços produzidos por meio dessa investigação, mais fácil será o luto.

O luto, para a Psicanálise, é também dispositivo de simbolização. A criança precisa realizar o luto quando deixa de ser um bebê; o indivíduo precisa passar pelo luto quando um grande amor se dissolve; enfim, toda perda envolve um processo de luto. Ocorre algo similar ao trauma, e a solução é o encadeamento com outros lutos. Tal processo é individual e coletivo; é resignação, mas também é uma construção coletiva. Além disso, o luto é um trabalho, é constante, mas também é um ato.



Dulce Mara Gaio, alunas de Psicologia e Graciela Sanjutá.

Parece haver um excesso de 'eu' na teoria freudiana. Para Freud, no fundo, o nosso laço social seria totemista. Cabe o questionamento: será que todas as culturas e lutos correspondem a esse modelo? Há lutos que não respondem ao modelo freudiano de que, caso se apresse ou se suprima uma das etapas, resta caracterizada uma patologia do luto. Nesse caso, de outros modelos que não correspondam ao de Freud, não haveria patologia. Como nem todas as culturas veem o luto de acordo com esse modelo totemista, há a necessidade de pesquisar o luto quando se torna coletivo: quando sai do finito e se torna infinito.

Há uma perspectiva diversa de luto, característico de alguns povos indígenas: um rito funerário em que o sujeito faz a narração fora de si mesmo. Ocorre uma forma de perspectivismo, a ideia de que faz parte do luto que em alguma fase do processo o sujeito experimente a dissolução do 'eu' - e esse elemento foi ausente em Freud. Essa dissolução não equivale a "perder o

seu eu", é coisa diversa. A conclusão do luto, nessa perspectiva, teria a ver com a perda das formas, que se fundiriam ao fundo - o que equivaleria às formas se fundindo com o 'eu'.

Em suma, a proposta do palestrante é rever o paradigma possessivista do luto totêmico de Freud e pensar uma experiência outra do 'eu', bem como a forma com que se expressaria clinicamente - pensar o luto como tempo e ato. Segundo esse novo ponto de vista, o luto terminaria com a decisão de deixar o outro.

O argumento do professor Dunker é extremamente cabível dentro da Psicologia que se deve buscar: uma Psicologia que jamais é desvinculada da realidade; mas, antes, considera o contexto em que está inserido o sujeito e todas as variáveis que podem influir em seu processo de luto. A relativização de toda essa importância dada ao 'eu' no luto freudiano e a noção de que, variando a sociedade e a cultura, varia

também o luto, é relevantíssima. De fato, é preciso que se considere toda a gama de fatores que envolvem esse processo – e que podem fazer que ele, de fato, não se amolde ao proposto por Freud. Assim, sair da focalização do ‘eu’ e adotar uma perspectiva mais contextual e social com certeza é de grande valia para compreender e lidar com o luto vivenciado pelos sujeitos na sociedade moderna.

O luto, em síntese, é o período em que a realização da perda se dá em processos, mais ou menos lentos, nos quais os laços com o objeto se rompem ocasionando uma perda no ‘eu’ e suas partes presentes no objeto perdido se esvaíam, se dissolveriam em meio ao processo do enlutado e o valor simbólico da perda é, em dado momento, então alcançado. Uma das questões levantadas por Dunker é justamente o “ponto de partida da aceitação” e “como ela se dá”. Aceitar que parte do ‘eu’ se foi com o objeto perdido e aquela posição do sujeito não existirá mais com esta perda, abrir mão, definitivamente, deste lugar que ocupava e que, a partir de agora, não mais existirá.

Dunker propõe o luto de natureza infinita, a partir de um ponto de vista sociocultural e político, no qual o luto passaria de uma geração à outra, enraizado na memória de um sistema, uma comunidade. Diferentemente do luto que sugere a um ato psíquico que cumpre sua função no tempo e no espaço do sujeito, em que o início, o meio e o fim sejam vividos pelo enlutado. O que caracterizaria, então, o luto infinito e o seu retorno? A repetição? E qual mecanismo seria responsável por esta repetição?

A não resignificação ou simbolização coletiva dos lutos vividos pela sociedade, baseados nesta repetição, ou ainda, a negação da presença do luto, uma vez que se supõe que o luto coletivo, esse é infinito. Ao pensarmos sociedades nas quais o retorno ao sofrimento é

intrínseco às gerações, as perdas de uma comunidade, as não elaboradas ou mesmo vivenciadas podem ser compreendidas deste ponto de vista.

Surge, dessa forma, um bom momento para exemplificar, dentro deste contexto, o Brasil: a não elaboração ou tampouco vivência dos seus lutos de forma coletiva, desde a época do descobrimento à colonização, podem ser pensadas como a infinitude de um luto cíclico, que produz seu retorno de tempos em tempos. Se o luto é infinito, de um ponto de vista coletivo, o Brasil não se permitiu, por assim dizer, vivenciá-lo. Com a presença atual de um retorno iminente ao sofrimento, a sociedade vive, hoje, a repetição de movimentos trágicos e está permeada de culpa, que induz a necessidade de representá-la em um ponto específico, como na marginalização de minorias, por exemplo, afinal, alguém precisa ter consigo a culpa. Estas são algumas características do luto que retorna ao âmbito social em um movimento persistente.

Se, com imaginação, colocássemos o Brasil dentro de um perfil melancólico, do ponto de vista de um país com graves incongruências identitárias, e a dificuldade em “se adaptar às particularidades ou exigências do outro”, identificada como uma sociedade de preconceitos bastante vigentes, bem como um entorpecimento moral, característica do melancólico, como aponta Freud em *Luto e Melancolia* (1915), há uma perda importante da sua significação e do seu lugar enquanto sujeito; o Brasil, um país cindido em que uma parte dele, “castiga” a outra, sem se dar conta da iminente perda coletiva a que se submete, não esquecendo de seus breves momentos de euforia. Em suma, localiza a “melancolia posta como um sintoma social”, sugerida por Freud (1915). Pode-se pensar a sociedade brasileira em estado patológico em que sua gama de sintomas revelam o adoecimento social.

É bastante difícil apontar ou precisar em que momento se deu essa perda de identidade que desencadeou um movimento de lutos infinitos não simbolizados, mas vê-se em retorno, ao longo da história e atualmente, algo que se estabeleceu. O país, dentro dessa analogia, pode ser encarado como um sujeito que decidiu se autopunir e se autodepreciar, ou ainda, está enlutado e tragicamente finge que não está. Sendo assim, o retorno iminente deste luto tende a ser contínuo.

### UMA PERSPECTIVA POÉTICA DAS FASES DO LUTO

Se a morte é morrer, quem dirá que em vida ela se atenha a quem ainda vive? Luto para não me ir, luto para você enfim me deixar.

Quem sou eu sem você? Não posso acreditar, pois não me reconheço como ser, não vivo como antes e não me completo ao comer. É sempre mortificante olhar para o lado e não te ver, caber em um espaço maior que eu, botar seu prato na mesa e não o sujar.

Como eu posso hoje lamentar, se não há mais carne em forma de amor, não há mais flores para regar e muito menos alguém que desfaça esse nó na garganta. Você não está mais aqui, agora a culpa sobrou para mim, em quem posso colocar?

Eu luto em luto, pinto cinza sobre as cores, preencho a vida com pedras, pois nesse vazio não há mais nada concreto.

Você me trocou por outro mundo, agora sou fio sem ponta que não atravessa agulhas, que não se sente em casa, porque a minha morada mudou de endereço.

Sou frio no verão, café morno no inverno, sou caneta sem função, sou gelo que virou pedra, que não derrete ao se expor no sol.

Quem é você agora? Preenchia tantas coisas. Seu toque estava em tudo e

agora te guardo acima do criado mudo, emoldurado por um porta-retratos.

Que ingrata é a vida, quanto mais se ama, mais sofre, mas se perde, porque todos carregam um pouco do outro e quando partem deixam esse poço sem fundo dentro do peito, além de aceitar que se foram, temos que lutar para não ir também.

Eu te perdi, perdi seu corpo, seu amor, mas no fundo não entendo ainda o que mais estaria ligado a essa perda.

Estou prestes a me desmanchar, mas segurando esse balão do pesar é o que ainda me mantém inteira. Se eu o soltar irei virar pó e vai ser nessa hora que você se separará de mim e então a dor vai embora, não quero que ela vá. Não quero me desapegar, porque deixar de sofrer é deixar de te amar, prefiro chorar a me verem sorrir.

O luto que deixou em mim, não luta, ele só me prende. Bastou você desaparecer para reaparecer e me acompanhar em tudo, hoje lembro dos seus desejos não atendidos, da cama que não desarruma mais e da toalha molhada acima dela, que nunca mais encontrei, sinto falta de me irritar por isso.

Seus passos foram levados, seu vazio deu espaço para outro. Ah, mais o que de mim o luto quer?

Quer me desmontar para refazer-me inteira, já que me construí sobre você, preciso desfazer muros e paredes, recriar uma nova ponte que me atravessasse pela paz de aceitar e não de me esconder.

Ponte não me conte para onde vais, me leve sem destino e se eu olhar para trás que eu possa não mais ver a ponta do outro que antes era ligado em meu ser.

Então, apaguei as luzes e disse boa noite, adeus pode ir meu (ex)amor.

